Repente julho 3 8/23/05 10:03 PM Page 2

PARTICIPAÇÃO POPULAR NA CONSTRUÇÃO DO PODER LOCAL

REPENTE

Pólis - Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais - nº 22 - Julho/05

Escrever para fortalecer a nossa luta

Editorial

Por que escrevemos?

Escrevemos para registrar algo que vimos, que ouvimos, que pensamos ou que sentimos. Ao escrever, nós mesmos poderemos reler no futuro as anotações e compreender melhor o que aconteceu ao longo do tempo com os fatos, os sentimentos e as opiniões que anotamos.

Também podemos escrever para que outras pessoas saibam o que foi que vimos, ouvimos, pensamos ou sentimos. É o caso de uma carta, por exemplo. Mas também pode ser o caso de um relatório de reunião, de uma ata, de uma matéria num jornal, da descrição de um acontecimento importante do qual participamos.

Muitas vezes estamos presentes em reuniões ou outros eventos representando grupos de pessoas. Os grupos de pessoas que representamos confiam em nós por estarmos presentes na reunião ou em outro evento e, assim, podermos contar a eles o que ocorreu. Ao mesmo tempo, nossa presença é uma garantia de que os interesses de nosso grupo de origem estarão em discussão.

Enquanto o tema da reunião ou evento é simples, enquanto nosso grupo de origem é pequeno, enquanto não se passa muito tempo entre a nossa participação em algum acontecimento e a reunião do nosso grupo de origem, é mais fácil contar o que ocorreu, sem precisar registrar as coisas por escrito. Com isto, no entanto, todos ficam na dependência da nossa memória e não teremos o registro da nossa história e dos grupos aos quais pertencemos. A partir do momento em que os acontecimentos dos quais participamos vão se tornando complexos, nem sempre é possível relatá-los sem registrá-los por escrito.

Escrever é uma maneira de fortalecermos a nossa luta. Quando registramos algo por escrito, garantimos que os fatos, os processos, as opiniões e as conquistas daquele momento não sejam esquecidos. Além disso, permite fundamentar nossas reivindicações e propostas e garante que um maior número de pessoas terá acesso às coisas que fazemos e aos motivos que nos levam à luta pela garantia de nossos direitos.

Escrever é um processo coletivo

Depois que a gente escreve alguma coisa, fica tão feliz de ter escrito que não se dá conta se colocou ou não todas as informações necessárias. Há várias formas de testar se a redação ficou boa.

Um primeiro passo é reler o que se escreveu, refazer as perguntas para você mesmo e ver se as coisas mas importantes do acontecimento estão ali.

Além disso, é bom pedir a alguém que leia o que está escrito. Veja se esta pessoa entendeu o que aconteceu. Se ela disser: "Entendi, mas não sei explicar", significa que o texto não está muito claro. Procure detalhar mais o que está escrito.

Por exemplo, se pegarmos as perguntas acima e as completarmos de um jeito muito resumido, podemos ter a seguinte situação:

O que foi que aconteceu? Reunião.
Com quem aconteceu? Todos os moradores.
Quando aconteceu? Ontem.
Onde foi? Na sede da Associação.
Como foi? (Descreva em detalhes como aconteceu) Discutindo todos os itens da pauta.
Por que você acredita que isto tenha acontecido? Porque era preciso tomar decisões.

Qualquer leitor no mínimo vai perguntar: quem eram esses "todos"? Quando foi este "ontem"? Era na sede de qual Associação? E, mais que tudo, vai querer saber: quais eram os itens da pauta? Que decisões eram estas que mereciam um texto?

Se a gente não tiver a resposta, temos duas alternativas:

1. Pensar melhor no fato e procurar descobrir porque ele nos marcou tanto;

2. Descobrir que a opinião que temos sobre a reunião era mais importante que o fato. Neste caso, a alternativa seria procurar descrever melhor o que ocorreu na reunião e depois comentar as opiniões sobre a reunião.

Interpretando o texto dos outros

O mesmo processo que fizemos para escrever um texto pode ser seguido para interpretarmos os textos de outras pessoas, verificando se compreendemos o que está escrito. Se o texto é curto, leia uma vez, com calma e veja se encontra as respostas para as perguntas principais que apresentamos. Como fizemos com a história do acidente do táxi com o motoboy.

Se não encontrou na primeira leitura, leia novamente, com atenção. Veja que informação está ali e o que falta.

Se o texto é mais comprido, leia parágrafo por parágrafo, decifrando as informações por bloco e anotando a idéia principal numa folha ou ao lado do texto. Depois de ter feito isto com o texto inteiro, leia as suas anotações e veja se ficaram claras as informações que o texto quis passar.

Nunca pare no meio da leitura de um texto sem ter entendido o que quis dizer. Pode ser que num primeiro momento tudo pareça muito difícil, mas com calma e relendo algumas vezes, será possível entendê-lo... Quem sabe ler um texto e entender o que ali está escrito passa a conhecer muito mais da sua história, dos seus direitos e de tudo o que já foi conquistado por meio da luta dos movimentos sociais.

Leia Mais

• "Para escrever bem", de Maria Elena Ortega Ortiz Assumpção e Maria Otilia Bocchini. São Paulo: Editora Manole, 2002.
• "Você é legível?", de Roberto Raposo. Revista de Comunicação.
• "Como fazer monografia na prática", de Gildásio Mendes e Takeshy Tachizawa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

REPENTE: Participação Popular na Construção do Poder Local - é um boletim editado pelo Instituto Pólis para divulgar informações e contribuir na formação de participantes de Conselhos em todo o país e pessoas interessadas em contribuir e fortalecer espaços participativos e de exercício da cidadania ativa. Para adquirir o Repente: Entre em contato com o Instituto Pólis, pelo telefone (11) 3258-6121 ou pelo e-mail: participacao@polis.org.br. Vendem-se pacotes de 50 exemplares.
EXPEDIENTE: Pólis - Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais - Organização Não-Governamental de atuação nacional, constituída como sociedade civil sem fins lucrativos, apartidária e pluralista. Seu objetivo é a melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento sustentável, a ampliação dos direitos de cidadania e democratização da sociedade. Rua Araújo, 124. Cep: 01220-020. São Paulo-SP. Tel. (11) 3258-6121. e-mail: participacao@polis.org.br site: www.polis.org.br. Elaboração: Veronika Paulics. Responsáveis: Ana Claudia C. Teixeira, Tatiana Maranhão, Paula Santoro e Iara Xavier Rolnik. Diagramação: Elizabeth Slamek e Ilustração: Patrícia Woll.
O Instituto Pólis integra o Fórum Nacional de Participação Popular.

Repente julho 3 8/23/05 10:03 PM Page 4

Como organizar o texto?

A parte mais difícil de um texto é começar. Como organizar a descrição de fatos, opiniões e sentimentos em um texto que vamos escrever? O melhor, para superar a dificuldade de se começar um texto, é termos um roteiro, ou seja, uma espécie de lista de perguntas que permitirá às outras pessoas entenderem melhor o que estamos explicando.

Vamos tentar entender isto com uma historinha:

A gente está andando na rua e vê um motoboy sendo atropelado por um táxi.
Imagine que a gente chega no espaço de trabalho e, sem mais nem menos, faz o seguinte comentário:

– Os taxistas são muito mal educados e perigosos... Fico com medo deles...

Esta frase é uma opinião. Imagine, então, que a nossa colega de trabalho é casada com um motorista de táxi. Ela vai logo perguntar:

– De onde você tirou isso? Meu marido é taxista e não é mal educado nem perigoso.

Daí a gente começa a contar o que aconteceu, para se explicar:

– Eu estava atravessando a avenida Ipiranga, às seis da manhã, quando vi, do outro lado da rua, um motoboy que foi "cortado" por um taxista. O motoboy caiu. Só não foi um acidente pior porque ele pôde desviar e não vinha carro algum atrás dele. Sendo que o taxista é que estava errado.

Ou seja, a gente tem uma opinião e um sentimento a partir de um fato.

Ao escrever este texto, o melhor seria descrever o que aconteceu e, em seguida, colocar o nosso sentimento em relação àquilo ou a nossa opinião. Além disso, devemos evitar as generalizações. Ou seja, estamos emitindo opinião sobre um determinado taxista, não sobre todos eles.

Se pensarmos em um roteiro, quais perguntas deveriam ter orientado a descrição do que vi logo pela manhã?

Afinal, qual é o fato? Um motoboy foi "cortado" por um taxista, na avenida Ipiranga às seis horas da manhã e caiu.

Qual a opinião? Que o taxista estava errado e foi mal educado.

Qual o sentimento? Que todos os taxistas colocam as pessoas em perigo e por isto eu passo a ter medo de todos os taxistas.

Se a gente não se preocupa em fundamentar as opiniões, é muito difícil para os outros nos entenderem.

Se estamos em uma conversa, a outra pessoa pode nos perguntar "Afinal, de onde você tirou esta idéia?" Mas se estamos escrevendo algo, as pessoas que nos lêem não têm como perguntar nada. Tudo tem que estar organizado no papel, permitindo a cada leitor que formule sua opinião e parta para uma ação, se for o caso.

Um diálogo imaginário

Quando vamos escrever um texto, como não temos a história pronta, como esta que acabamos de ler, uma das formas de começar é imaginar que alguém nos faz algumas perguntas. O texto final será uma resposta a estas perguntas. Vejamos um exemplo.

Se eu escrevo: Manifestação contra o aumento das tarifas dos serviços públicos.

Uma primeira pergunta que um leitor imaginário poderá fazer será:

Quem vai fazer a manifestação?

Minha resposta pode ser: os integrantes da Associação do Bairro da Árvore Florida.

A outra pergunta do leitor pode ser:

Onde vai ser a manifestação?

E uma outra pergunta ainda:

Quando vai ser a manifestação?

Para que meu leitor soubesse estas informações todas de uma vez, eu poderia ter escrito:

Os integrantes da Associação do Bairro da Árvore Florida farão uma manifestação contra o >>

>> aumento das tarifas dos serviços públicos. Será no dia 31 de fevereiro, das 16 às 20 horas, em frente ao pátio central dos serviços públicos.

Um leitor mais atento não vai ficar satisfeito com esta explicação. Vai querer saber *como será a manifestação*: se todos vão se encontrar no pátio, se devem levar cartazes, se vão falar alguma palavra de ordem e se haverá discurso de alguém.

Um outro leitor, também insatisfeito em saber quem estará na manifestação, onde e quando ela ocorrerá, poderá perguntar:

Mas por que haverá esta manifestação?

Ou seja, para que nossos leitores tenham as informações necessárias para se sentirem motivados e interessados em participar da manifestação que estou divulgando, devo sempre me preocupar em responder as seguintes perguntas: **O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?**

No caso da manifestação, vejamos como ficariam as respostas por escrito a estas perguntas:

Quem? Os integrantes da Associação do Bairro da Árvore Florida

O quê? Farão uma manifestação contra o aumento dos preços dos serviços públicos, como os de água e luz.

Quando? Será no dia 31 de fevereiro, das 16 às 20 horas.

Onde? Em frente ao pátio central dos serviços públicos.

Como? Uma vez que nem todos poderão participar o tempo todo, serão feitos rodízios entre os participantes, para garantir que as faixas fiquem visíveis até o final do expediente. As faixas terão pedidos de maior transparência na prestação de contas das empresas, denúncia da porcentagem de aumento em comparação com os reajustes salariais e a solicitação de garantia de fornecimento gratuito dos serviços às pessoas que não podem pagar.

Por quê? Os integrantes da Associação do Bairro da Árvore Florida estão propondo esta manifestação: (1) por constatarem que os preços dos serviços públicos tiveram aumentos muito maiores que a média dos reajustes salariais e muito maiores que qualquer índice que mede a inflação. (2) A Associação quer conhecer as prestações de contas, identificando o lucro real que as empresas estão tendo. (3) Além disso, como se trata de prestação de serviços públicos básicos, nos contratos das empresas já estava previsto que uma parcela da população não pagaria pelo fornecimento dos serviços, mas as empresas não estão cumprindo com este item do contrato. (4) As empresas alegam que os aumentos são decorrência do alto custo e do fato de muitas pessoas não pagarem suas dívidas. Ao mesmo tempo, as empresas não estão dispostas a tornar suas contas mais transparentes, nem aceitam sentar para conversar com os representantes da Associação.

Depois de termos respondido as perguntas básicas, podemos seguir enumerando vários porquês. Em geral, ao aprofundarmos os porquês, vamos fazendo uma reflexão sobre o que ocorreu.

No caso da manifestação da Associação do Bairro da Árvore Florida, a partir do convite detalhado para a manifestação, explicando os porquês, foi construído um texto que apresenta uma reflexão sobre as empresas prestadoras de serviços públicos e sua relação com os moradores de um determinado bairro.

Isto parece simples quando olhamos para um texto pronto. Mas vamos tentar fazer um.

Exercício

Pense em uma situação real que tenha acontecido recentemente e que tenha sido importante para você. Agora, responda as perguntas:

O que foi que aconteceu?
Com quem aconteceu?
Quando aconteceu?
Onde foi?
Como foi? (Descreva em mais detalhes como isto aconteceu)
Por que você acredita que isto tenha acontecido?

Tire as perguntas e deixe apenas as respostas. Aí está um texto simples e claro sobre um fato vivido. Será que os outros vão entender também?